

## RESPOSTAS CAPITAIS



Leia a entrevista na  
íntegra em [bit.ly/  
MarceloNeri](https://bit.ly/MarceloNeri)

**MARCELO NERI**

Diretor da FGV Social

### "OS JOVENS SÃO OS GRANDES PERDEDORES DA CRISE"

*O economista Marcelo Neri (foto), diretor da FGV Social, cunhou no início da década a expressão "nova classe média". Simbolizava a ascensão de milhões de pessoas que, com o crescimento do emprego e da renda, começavam a realizar sonhos de consumo como carro, viagem, faculdade para os filhos. Nesta entrevista, Neri conta como viu a reação da classe C à crise e suas preocupações com o Brasil.*



WILSON DAMAS, AGENCIA BRASIL

#### **Como vê o empobrecimento de quem estava na classe C?**

Não chegou a ser surpresa. Foi uma década com dificuldade grande em termos de PIB. Mas essa classe média surpreendeu pela resiliência. Falamos de pibinho desde 2012 e ela se manteve ascendente até 2014. Isso só virou em 2015. Com o desemprego, montaram seus próprios negócios, até que a crise foi mais forte. Mas o desemprego parou de subir, a carteira de trabalho parou de cair, talvez possa se ver uma pequena inflexão nessas séries. Os salários também, pela queda da inflação, começaram a se recuperar.

#### **Como foi isso, em números?**

Em 2004, eram 70,8 milhões na classe C. Em 2014, eram 113,55 milhões. Em 2015, eram 113,61 milhões. Ficou praticamente parada. Houve queda de pessoas A e B para a C, assim como da C para D e E. Então, a classe C manteve o tamanho, mas porque recebeu gente das classes A e B. A classe AB, a classe média tradicional, padrão europeu, era de 13,7 milhões em 2004. Praticamente dobra. Chega a 27 milhões em 2014, e cai em 2015 para 24,9 milhões. Aí há queda grande da classe AB em 2015, e a D e E também aumentam bastante, mas o que surpreen-

de é uma certa resiliência, porque podemos considerar a década atual como perdida em termos de PIB.

#### **Não houve tanta variação líquida da classe C.**

Talvez fosse melhor falar de classe ABC, juntar a classe média tradicional com a nova classe média. Então haveria perda de 2 milhões de pessoas de 2014 para 2015. Se fizer a conta da classe ABC, em 2004 eram 84,4 milhões. Em 2014, passa para 140,5 milhões, e depois cai para 138,5 milhões.

#### **Qual é a sequência da crise?**

A economia vinha bem até o fim da década passada, tinha desajustes fortes, até o próprio crescimento exagerado em 2010 é um desajuste, no sentido contrário, mas um desajuste, que gera problemas posteriores. A renda das pessoas continuou crescendo a despeito da redução do PIB. Desde o começo da década, a renda das pessoas cresce três vezes mais que o PIB, a boca de jacaré continua abrindo, até que depois de 2014, depois do ápice, tudo cai, a renda das pessoas cai tão forte quanto o PIB e esse componente de aumento de desigualdade tende a puxar o freio de mão da economia brasileira.

**A desigualdade cresce?**

O desemprego em alta, o próprio efeito da recessão. A princípio, era uma estagflação, e o lado de inflação foi vencido. Até 2016, a inflação era tão vilã da perda do poder de compra quanto o desemprego. Mas, a partir de então, a inflação começa a cair, começa a jogar a favor, o desemprego continuou aumentando até o início de 2017. Então é desemprego, estagflação, e a parte fiscal: ela é fundamental, o governo não pode segurar programas. Acho que em 2015 teve um grande desajuste na política social que foi a manutenção do Bolsa Família congelado com inflação de dois dígitos. Isso não só faz com que a pobreza aumente, mas tira força da própria economia. O impacto do FGTS (*saque de contas inativas*) é um quarto de cada real gasto no Bolsa Família.

**A pouca habilidade de lidar com o crédito contribuiu para esse tombo?**

Seria um quarto componente. A relação crédito/PIB subiu de 24% para mais de 50%. Mais do que dobrou em 10 anos. Após 2009, houve perda de qualidade. O combate à crise foi muito em cima de crédito público e gerou não só esse desarranjo nas contas das famílias, como também parte do nosso desajuste fiscal vem dessa estratégia, que num primeiro momento pode fazer sentido, mas foi mantido muito mais tempo do que deveria. E o juro no Brasil é muito alto. Então, não só as pessoas se endividaram mais, e o fizeram, mas a juro muito alto. E depois subiram mais porque a inadimplência aumentou, os

spreads cresceram, a taxa Selic também teve que subir. Todos os componentes jogaram contra. Acho que um valor que a gente não desenvolveu no Brasil é o valor da poupança. Essas famílias que subiram não foram incentivadas a poupar.

**Isso pode mudar?**

Gostaria que houvesse esse aprendizado, mas, como disse, acho que existe uma cultura no Brasil. Criar uma reserva para o futuro, não só em caderneta, mas títulos públicos, Tesouro Direto, isso é uma coisa rara no caso brasileiro. O brasileiro estava muito otimista em relação ao futuro, então foi exacerbado o consumo em detrimento da poupança.

**Como ter crescimento sustentável da classe média?**

Prioridade é o aumento da produtividade da economia. Mesmo nas épocas de crescimento forte, embora a produtividade tenha acelerado, estava em nível insuficiente. O ajuste fiscal e as reformas são importantes, problemas que o Brasil precisa encarar. Também uma agenda de combate à desigualdade. É um elemento dinamizador da economia. E uma última, para o principal grupo afetado, e que gera marcas no futuro, é uma agenda voltada aos jovens. São os grandes perdedores dessa crise, mais do que a nova classe média, são os novos adultos brasileiros. Perdem muito desde 2013, continuam perdendo mais em renda e trabalho e são o futuro do país. É preocupante hoje e pelas sequelas que deixa para o futuro.